

EDUCADORES SOCIAIS E A EXPLORAÇÃO SEXUAL INFANTO-JUVENIL: UMA PROPOSTA, UM OLHAR

Altair Lira¹

INTRODUÇÃO

Considerado um dos fenômenos dos mais graves de nosso tempo, a exploração sexual infanto-juvenil, não pode ser visto de forma isolada.

Com suas grossas raízes fincadas na sociedade, principalmente no âmbito cultural e com uma conotação econômica, este tipo de violência que atinge crianças e adolescentes no nosso País, deve ser enfrentado de uma maneira mais ampla, num contexto de políticas públicas efetivas, essenciais para o restabelecimento da situação de cidadania para esta frágil e excluída parcela da nossa população.

Estas crianças e adolescentes, na sua maioria, são oriundas das classes populares menos favorecidas e com histórias de vida bem parecidas, são quase sempre semi-analfabetas e com questões de baixa auto-estima. Os conflitos familiares, seguidos muitas vezes de abuso sexual e violência física, muitas vezes às impulsionam para a rua, onde se tornam vítimas fáceis da exploração, que lhes causa sérios danos físicos e psíquicos, com forte influência nos seus valores e na sua conduta moral, influenciando negativamente para a sua formação pessoal.

¹ Educador Social e Consultor do CEDECA-BA na linha de educação de rua.



O objetivo deste texto é suscitar algumas reflexões sobre a ação educativa realizada por educadores sociais, em alguns casos chamados de educadores de rua, que situam sua ação em espaços de conflito, tendo como público-alvo essas mesmas crianças. É levantar questões quanto à formação e à prática metodológica desta ação, em quais bases teóricas se sustentam, quais suas possibilidades e conseqüências.

Mas surgem perguntas: Quem deve ser este Educador? Qual o seu perfil? Como deve ser selecionado? Qual seria a melhor qualificação técnica e experiência de vida e profissional?

Rubem Alves, em seu livro "Conversas com quem gosta de ensinar" (Ed. Papirus, SP, 2000) traz uma citação interessante:

A questão não é gerenciar o educador. É necessário acordá-lo. E para acordá-lo, uma experiência de amor é necessária. 'E qual a receita para a experiência de amor, de paixão? Como se administram tais coisas? Que programas as constroem?' E aí eu tenho de ficar em silêncio, porque não tenho resposta alguma.

O educador se constrói constantemente no ato educativo, no relacionamento com seu educando, no dizer sim, no dizer não. Ele enfrenta o tempo todo a pergunta que o incomoda, e, que deve incomodar; "Sou Educador?" É nesse questionamento, não da sua competência, mas da sua significação, que se dá diferenciação entre a pessoa que exerce o ato educativo e o cargo de quem trabalha com educação ou num projeto social.

Ao ir para a rua, outra importante indagação surge à sua frente: "Decifra-me ou devoro-te". A rua, com sua articulada estrutura convida-o para o embate. Não é mais aquele espaço solto, bagunçado, movimentado, mas sim um espaço onde as coisas estão definidas, onde os atores sociais executam e exercem os seus papéis de forma ordenada e correlacionada.

Os meninos e meninas, os cafetões, os rufiões, as prostitutas, os drogados, o moço da farmácia, a vizinha, o feirante, o policial militar, todos, perfeitamente todos estão numa sincronia e é nela que o educador deve se encaixar. Ele é o estranho, o invasor, o de fora, aquele que vai alterar um determinado ritmo das coisas e trazer à tona, num aberto quadro de enfrentamento, questões que outros prefeririam não ver, quanto mais, enfrentar. O Educador Social contribuirá para deflagrar um processo que é ao mesmo tempo diferente, complexo e profundamente transformador.

O Educador tem então que despertar nestas crianças e adolescentes o desejo pela transformação da sua realidade, ultrapassando a cruel visão daquilo que é real e partindo para o campo do desejo, onde projetos e propostas de vida deverão ser construídos. O Educador então se deparará com obstáculos que dificultarão a elaboração destes projetos; a família com laços estremecidos ou rompidos, a escola não adequada e capacitada para atender este tipo de clientela, a sociedade que não lhes dá uma oportunidade para emprego, estágio ou capacitação.

ETAPAS DA AÇÃO EDUCATIVA

Como foi dito anteriormente, para iniciar o seu trabalho, o Educador deve conhecer a rua, penetrar no seu cotidiano, identificar os diferentes atores que compõem aquela cena, identificar a criança ou adolescente, alvo da sua ação, observando a dinâmica estabelecida por este e em relação aos outros atores. Esta primeira fase é o momento em que o educador busca construir o vínculo com a criança ou adolescente. Para atingir esse objetivo utiliza-se jogos, revistas ou livros, técnicas de troca de olhares, falas espaçadas etc.

Depois estabelecido o vínculo, ainda que frágil, o Educador deve iniciar o estabelecimento de relação de confiança. É preciso mostrar ao educando a figura do Adulto Positivo, aquele que pode-se apresentar enquanto a pessoa disponível para auxiliá-lo na construção do seu projeto de vida. Por meio de atividades mais complexas do que aquelas anteriormente mencionadas, o Educador vai “apresentando” um mundo para o educando visando despertar neste a sua própria forma de ver e interpretar este mesmo mundo. Passeios, minipalestras, bate-papos sobre diversos temas como Aids, Drogas, Sexualidade, também são uma boa maneira para concretizar esta aproximação.

Aqui não é utilizado o termo **Abordagem**, comumente encontrado em orientações programáticas, visto que este termo é interpretado no senso comum como a prática utilizada pelo policial à rua, abordando um elemento suspeito. O Educador não aborda, ele se **aproxima**, ele busca manter contato, ele atrai e é atraído para uma relação de confiança e não de suspeição.

O educador deve não só estimular a estruturação do projeto de vida por parte do educando, mas acompanhar seus primeiros passos nesse novo momento de vida, de forma que ele se sinta seguro e apoiado.



Esta é uma fase delicada, porque uma das pré-condições para que o projeto de vida dê certo é o/a educando/a não estar na rua, nem *fazendo vida*. Inicialmente eles terão dificuldade em aceitar estes termos, temerão deixar de ganhar dinheiro, para ter que *batalhar um trampo*, onde com certeza ganhará menos. Por isso, também, as alternativas sociais deverão estar engatilhadas de modo que exista uma rede de apoio a ação do educador, não só por parte da entidade que o mesmo está ligado, mas também, por exemplo, do poder público municipal, com os sistemas educacionais e de saúde funcionando a contento, bem como os projetos e programas sociais do município.

É preciso enfrentar o problema da exploração sexual de forma articulada. É neste contexto que vemos como importante a ação do município em defesa da família e da criança, utilizando os instrumentos legais que já dispõe para resolver ou amenizar a questão. O compromisso com o cumprimento do Estatuto da Criança e do Adolescente deve ser o princípio norteador desta ação, de forma que:

- ❑ busque resolver os problemas das crianças e adolescentes de forma integral, ou seja: saúde, educação, alimentação, moradia, geração de renda etc., não estejam separados em Programas. Observamos que o tema da exploração sexual infanto-juvenil, não perpassa as Secretarias de Governo, quer dizer, quais as políticas da Secretaria de Educação para o tema? Os professores não poderiam ser capacitados para identificar os casos de abuso sexual ou de exploração? Os profissionais de saúde são capacitados para identificar e tratar as vítimas? A Secretaria de Obras, a Secretaria de Habitação etc. Como as secretarias estão articuladas para discutir a temática?
- ❑ enxergue cada criança ou adolescente como sujeito da sua história e como sujeito único é fundamental. Essa individualidade deve se processar no momento do atendimento, pois a criança que é capturada pelo esquema da exploração apresenta questões diversas, que devem ser atendidas dentro de cada política pública e não se criar uma proposta global e que se "encaixe" a todos.
- ❑ avance de uma prática assistencialista pra uma prática transformadora da realidade. Por isso a importância de se considerar as famílias neste atendimento, pois a situação de miséria e desemprego com certeza concorrerão para que essa criança não retorne ao lar ou o abandone em pouco tempo.

- ❑ pense em políticas "duráveis", quer dizer, efetivas e eficientes a ponto de virem se tornar permanentes;
- ❑ estabeleça parcerias para agregação ao projeto de vários atores sociais, com ações e práticas diversificadas, para não só atuarem nos projetos e programas, mas também para darem sustentabilidade política à ação. Compreendemos a importância da Igreja, dos Sindicatos e das ONGs neste processo.

CONCLUSÕES

Acreditando que a criação de Programas organizados e ações qualificadas de profissionais enquanto Educadores Sociais, agindo de uma forma articulada e com competência técnica e profissional, com a ambiência necessária para que se produza na Cidade um Sistema sério de informação sobre a situação socioeconômica das crianças e dos adolescentes, permitindo que as ações sejam direcionadas e que todos os atores envolvidos possam ser convidados a contribuir.

Importantíssimo considerar a valorização da auto-estima, considerando as dimensões afetiva, intelectual e corporal da criança e do adolescente, principalmente as meninas, fragilizadas, na sociedade machista e patriarcal, na sua condição feminina. Ações que possam reduzir a evasão escolar e a repetência também mostram-se necessária, bem como projetos de Iniciação ao Trabalho, voltado para adolescentes, mas com a observância de serem propostas transformadoras e não conservadoras da exclusão.

A ação educativa também tem um papel fundamental na mudança da ambiência social, preconceituosa em relação às crianças e aos adolescentes vítimas da exploração sexual, fazendo com que a comunidade possa criar uma nova visão, positiva e parceira.

Enfim, fazer com que a exploração sexual infanto-juvenil, considerada um crime, possa ser enfrentada e combatida porque se constituir numa violência e não uma coisa natural, normal que atraem principalmente garotinhas, interessada na vida fácil que se lhes apresenta por aqueles que os utiliza para essa marginalização. Precisamos mostrar que esta é uma vida difícil e perigosa para os mais frágeis.